



Sistema carcerário

Foragidos de Mossoró são presos no Pará quando buscavam deixar o País

— Fuga durou 51 dias e detentos atravessaram 1,6 mil km antes de serem detidos em cerco de PF e PRF; eles usaram carros e barco e teriam sido auxiliados por facção

PAULA FERREIRA

Os foragidos da Penitenciária de Mossoró (RN) foram presos ontem, 51 dias após a fuga e a 1,6 mil quilômetros da cadeia federal. A dupla, ligada ao Comando Vermelho (CV), formou o que o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, classificou como “comboio do crime” para tentar escapar do País. Eles usaram até um barco para se deslocar do Ceará para o Pará.

Deibson Cabral e Rogério Mendonça, que haviam escapado da unidade de segurança máxima em 14 de fevereiro, foram detidos por volta das 13h30 de ontem em uma rodovia em Marabá, no Pará, em uma operação conjunta da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal. No caminho até ali, tiveram ajuda de diversas pessoas, que forneceram comida, dinheiro e carros. Até o momento, 14 foram presos.

Na operação de ontem, outros quatro comparsas, que estavam com eles em três carros com armas, dinheiro e munições, na BR-222, foram detidos no cerco, em uma ponte local. Ali, os criminosos chegaram a apontar um fuzil para os policiais, mas acabaram desistindo do confronto, segundo o delegado geral da Polícia Federal, Andrei Passos Rodrigues. “Lá estava nosso grupo de pronta intervenção, que é um grupo tático preparado para esse tipo de circunstância.”

REAÇÕES. Lewandowski comemorou a captura, mas especialistas em segurança destacaram que o evento mostrou brechas no sistema federal. O inquérito do caso apontou que não houve corrupção por parte dos servidores, mas falhas nos procedimentos carcerários de segurança. “Precisamos celebrar que fugitivos foram capturados, mas também aprender com erros cometidos”, diz o pesquisador Fabio de Sá e Silva, professor da Universidade de Oklahoma (EUA) e membro do Fórum de Segurança Pública.

Jacqueline Muniz, antropóloga, cientista política e professora de segurança pública da Universidade Federal Fluminense (UFF), disse, na última



Dupla montou ‘comboio do crime’ e esboçou resistência: outras 4 pessoas, em três carros, foram detidas

Ministério oficializa demissão de diretor; dupla voltará ao RN

O Ministério da Justiça e Segurança Pública informou ontem que demitiu o diretor da Penitenciária Federal de Mossoró, Humberto Gleydson Fontinele Alencar. A portaria de dispensa será oficializada no *Diário Oficial da União* nos próximos dias.

Ele estava afastado do cargo desde o dia 14 de fevereiro, quando o ministro Ricardo Lewandowski solicitou a inclusão do nome da dupla foragida no Sistema de Difusão Laranja da Interpol e no Sistema de Proteção de Fronteiras, para que fossem procurados pela polícia internacional. As autoridades ainda chegaram a oferecer R\$ 30 mil de recompensa para quem fornecesse informa-

ções sobre os foragidos.

Segundo Lewandowski, os fugitivos agora voltarão para Mossoró. Originalmente do Acre, eles estavam na unidade desde setembro de 2023. Questionado sobre a segurança atual da unidade, o ministro afirmou que todas as providências foram tomadas para evitar que situações semelhantes ocorram.

O secretário nacional de Políticas Penais, André Garcia, afirmou que o governo adquiriu equipamentos, reforçou protocolos e melhorou a iluminação, entre outras medidas, após a fuga. Também foi feito um trabalho de revisão geral de protocolos (que incluiu até previsão de muros nas cadeias em que eles ainda não existiam). “O sistema penitenciário federal não é mais o mesmo desde o evento que ocorreu em Mossoró.”

semana, ser necessário um relatório de prestação de contas que apresente em detalhes as missões atribuídas, os meios logísticos empregados e os modos táticos adotados na operação de recaptura. Os custos não foram detalhados, mas podem superar R\$ 2 milhões.

Em compensação, a população de Baraúna (RN), a 35 km do presídio, festejou ontem as prisões. “Nunca tivemos me-

do desse presídio aqui perto da casa da gente porque sempre disseram que ele é de segurança máxima”, disse o produtor rural José Saldanha, de 49 anos. Ele ressaltou que a população vivia apreensiva.

ESCOLHA DE LOCAL. A fuga para o Pará está ligada à dinâmica das facções criminosas nos últimos anos. A região é vista como uma espécie de “corredor

de exportação” da cocaína que chega de países como Peru e Colômbia à Amazônia. O recrutamento da violência por lá se deve principalmente à atuação do Comando Vermelho, soberano na região metropolitana de Belém, e do Primeiro Comando da Capital (PCC), que tem se aliado a facções menores, como Comando Classe A e Revolucionários do Amazonas, para avançar pelo sul.

Em resposta, muitos moradores passaram a adotar medidas de segurança extras nos últimos anos, em uma espécie de “liberdade forjada”, como mostrou o *Estadão* no ano passado. “Quando o governo aperta o cerco aqui em Belém, dentro dos grandes bairros onde tem tráfego pesado, eles vão todos para as pequenas cidades. Lá, vão para a área rural e vão ficando”, disse Raimundo Hilário, coordenador executivo da ONG Malungu e liderança de comunidade quilombola em Salvaterra, Marajó (PA).

DINÂMICA DA FUGA. Para conseguir sair da penitenciária, Mendonça e Cabral escalaram as luminárias das respectivas celas. Na ocasião, os prisioneiros utilizaram uma barra de ferro para alargar o buraco da luminária, passaram, conseguiram acessar um local utilizado pela estrutura interna da unidade, chegaram ao teto e, depois, ao pátio do presídio. No local, pegaram um alicate da obra e cor-

taram o alambrado de proteção, fugindo em seguida.

Durante um mês, os criminosos permaneceram nas redondezas de Mossoró. Na época, o governo mobilizou uma força-tarefa interestadual para atuar nas buscas, que utilizavam equipamentos avançados como drones de monitoramento da temperatura corporal. Apesar do aparato, o governo fracassou. “Estávamos os seguindo de perto, tínhamos a convicção de que se encontravam na região. Eles estavam num raio de 193 km², mas o que nos dava certeza de que estavam ainda no local e nos autorizava a manter uma força de quase 500 homens é que tínhamos vestígios da presença deles”, disse Lewandowski.

As autoridades ainda investi-

Caçada difícil Deibson e Mendonça mantiveram família refém e se esquivaram por cavernas de parque

gam a estrutura que garantiu que os primeiros presos da história a fugir de um presídio federal escapassem das buscas — com a principal hipótese sendo o apoio da facção criminosa Comando Vermelho. “Em um primeiro momento, soube que, infelizmente, alguns moradores foram cooptados pelos criminosos, facilitando a fuga. Depois, houve, realmente, a vinda de veículos que os transportaram, primeiramente até Baraúna, de onde eles tentaram se evadir para o exterior, com o auxílio de vários outros carros”, disse o ministro da Justiça e Segurança Pública. “Depois de certo tempo, perdemos esses rastros, mas a inteligência os monitorou permanentemente e permitiu que fossem encontrados a 1,6 mil km de distância.”

Ao longo desse período, a dupla chegou a manter uma família refém e fugiu por cavernas no Parque da Fuma Feia e, segundo a Rede Liberal, do Pará, pegou um navio em 18 de março ao chegar a Icapuí, a 201 km de Fortaleza. Foram dali para a Ilha de Mosqueiro, Belém. O trajeto, pela orla, demorou seis dias. ● COLABORARAM HUGO LIMA, ITALO LO RE, RARIANE COSTA E GIOVANNA CASTRO